

www.brota.noblogs.org  
bruxa@riseup.net

## Desescolarizar a ~~Universidade~~ o mundo

- II. **Ocupa Unirio e o nascimento do Projeto Bruxa/Brota**  
Casa da Bruxa, Bandeirão e a Primeira Bienal Autônoma de Artes



## ÍNDICE

Introdução.....	2
Projeto Bruxa na UNIRIO: Apresentação.....	7
Necessária Radicalidade.....	11
História Viva .....	18
Apelo ao movimento estudantil.....	28
O teatro da vida cotidiana.....	32
Nota + Observação.....	36
Imagens.....	37

## Introdução

As páginas seguintes apresentam uma série de escritos e fotografias produzidas no último período de existência das ocupações do Campus de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), conhecidas como Casa da Bruxa e Bandeirão.

A Casa da Bruxa foi certamente uma das ocupações estudantis em campus universitário de maior duração de que se tem registro no Brasil. Inicialmente utilizada por funcionários da universidade, posteriormente abandonada e apenas esporadicamente utilizada por estudantes, tudo indica que ela tenha se estabelecido como uma ocupação de fato somente em 2010, tendo durado então pelo menos 6 anos<sup>1</sup>. Sua história desde então foi descontínua e marcada por fases muito diversas. A Casa da Bruxa chegou a ser fechada no final de 2014 sob ordens da reitoria, mas foi reocupada já no ano seguinte, após o dia 27 de maio, data que marcou a abertura da ‘Primeira Bienal Autônoma de Artes’ do Rio de Janeiro, ocorrida no prédio anexo ao Bandeirão da Universidade, então também ocupado.

A principal reivindicação dos estudantes à época da ocupação do Bandeirão era por mais espaço – os estudantes queixavam-se de falta de salas de aula. A construção do prédio tinha sido iniciada por volta de 2006, e no entanto as obras estavam paradas há anos. O prédio nunca acabado começava a ser utilizado como abrigo de entulhos; para que se tenha uma ideia do abandono, o chão de algumas das salas fechadas, como será possível ver nas fotos no final deste volume, estava tomado por musgos e crostas...

Logo após os primeiros dias de ocupação, a Universidade entrou em greve, vieram as férias, e muitos dos estudantes regularmente matriculados na instituição não permaneceram nos espaços ocupados. Paralelamente, aos poucos, pessoas não oficialmente ligadas à universidade foram se aproximando.

Foi assim, entre punks, artistas de rua, viajeros, malucxs de estrada (“novos hippies”), muitxs oriundos da Zona Norte do Rio de Janeiro, de outras cidades e mesmo de outros países, como Colômbia, Venezuela e Argentina, que os textos reunidos neste volume foram produzidos. Para compreendê-los propriamente, vale ter em conta que o Campus de Letras e Artes da UNIRIO fica localizado na Urca, bairro nobre, branco e fortemente militarizado da Zona Sul do Rio de Janeiro, de modo que os tipos de cores, origens e/ou sexualidades muito

---

<sup>1</sup> É possível que a ocupação da Casa da Bruxa tenha durado mais do que isso. Os dados referentes aos primeiros anos de sua existência são incertos, baseados em relatos e em alguns dos registros mais antigos localizados, como este vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=9QODtyuCTsM>. Se x leitorx tiver alguma informação sobre o passado da Bruxa, solicitamos que entre em contato.

claramente diversas que transitavam por ali causavam algum estranhamento. Com o retorno às aulas, alguns dos estudantes e funcionários da universidade pareciam ver a ocupação com desconfiança, reprovação, medo (como se chegou a apontar em reuniões), e mesmo com asco, o que fez com que ‘a questão política’ daquele experimento fosse ganhando outros contornos, mais referentes ao caráter público e ao mesmo tempo elitista, para não dizer fascista, da Universidade.

Os textos aqui apresentados são, nesse sentido, um misto de coisas:

-são principalmente comunicações - textos-objetos distribuídos muitas vezes em reuniões, como para produzir condições de entendimento mútuo e para amenizar a tensão da relação com aqueles que, por preconceitos ou costumes de classe, faziam oposição às ocupações;

-são também uma tentativa de formulação aberta de um projeto para a Casa da Bruxa, para o Bandejão, e, nos momentos mais ambiciosos, para a universidade em geral;

-por último, são também reflexões livres (como talvez o texto “História viva” o seja de maneira mais evidente), e nesse sentido, a ocasião de desenvolvimento e maturação de um projeto ainda maior, que inclui outros espaços, o projeto que nestes textos eu chamo ‘Bruxa’, e que acabou por tonar-se o Projeto Brota<sup>2</sup>.

Sobre este último ponto, cabe dizer que em meu caso a aproximação das ocupações da Bruxa e do Bandejão estava já relacionada com este projeto então em andamento. Alguém havia me falado alguns anos antes da Casa da Bruxa, quando estava em São Thomé das Letras, em Minas Gerais, e embora algum tempo depois eu também tenha ouvido falar do “fim da bruxa” (o desalojamento de 2014), não foi difícil obter pela internet a notícia de sua reativação. Assim, ao chegar ao Rio de Janeiro em julho de 2015, acompanhado de duas pessoas amigas, nos dirigimos à UNIRIO certo de que encontraríamos estadia por lá.

A legitimidade deste modo de aproximação foi algumas vezes questionada, particularmente por pessoas contrárias à permanência de pessoas não regularmente vinculadas à universidade nos espaços ocupados. Nós entendemos, porém, que uma ocupação em uma universidade pública move questões que são de interesse da sociedade em geral, principalmente da significativa parcela que questiona a propriedade e valoriza modos de organização social distintos dos normativos. Sendo de nosso interesse que espaços que

---

<sup>2</sup> Maiores informações sobre o projeto Brota podem ser encontradas no blog: <https://brota.noblogs.org/>

possibilitam experiências nesse sentido perdurem, nos aproximamos com a disposição de somar: ocupações abrem brechas que julgamos importante saber explorar.

É claro que alguns cuidados são recomendados. Um aviso-prévio aos ocupantes, quando possível é desejável. Pois se por um lado, chegar assim ‘chegando’ é uma maneira de pôr a prova o estatuto de uma ocupação, ao menos nos casos em que ela se reivindica um “espaço aberto” e libertário, por outro, há questões de segurança a considerar.

Ora, este ponto toca no que entendo serem as minúcias das questões organizativas de um espaço autônomo. Todo espaço mantido por pessoas identificadas com princípios como os que propõem o anarquismo, como era o caso da maioria nas ocupações da Bruxa e do Bandeirão, por coerência, é um *espaço aberto*: é ao menos um espaço no qual as pessoas estão mais interessadas em manter relações afetivas do que de propriedade. Neste caso, um princípio como o de horizontalidade serve como condição para a aproximação; condição suficiente para eliminar, por exemplo, tendências colonizadoras ou parasitárias de possíveis visitantes. Como chega a ser mencionado em alguns momentos nos textos, as implicações destes princípios, como também o de autogestão e apoio-mútuo, estão relacionadas à potência de desconstrução e transformação destes espaços. É precisamente este processo que se compreende aqui como “desescolarização”<sup>3</sup>.

Considerando as dificuldades habituais de experiências como estas, uma vez que elas frequentemente exigem rever costumes e sair de zonas de conforto, acredito que um ponto fundamental em relação a isso pode ser considerado na mudança da forma como xs ocupantes são tratadxs no texto: às vezes na terceira pessoa do plural e às vezes na primeira - às vezes ‘elxs’, e às vezes ‘nós’. Essa espécie de duplicidade no tratamento sugere a abertura de um canal que permite a um indivíduo recém-chegado sentir-se parte do organismo; não um corpo estranho. Acredito que era a possibilidade dessa espécie de passagem que me interessava ampliar e tornar mais evidente nos textos, para que mais pessoas se sentissem à vontade para se aproximar e pensar junto a proposta de uso dos espaços; daí o esforço de tradução que estes escritos revelam.

É claro que, em ambiente tão hostil, onde nem água havia, nem sempre houve a abertura e cordialidade que seria desejável. Ou mesmo tempo para que a horizontalidade pudesse ser mais propriamente percebida. A coletividade sempre foi uma questão em aberto

---

<sup>3</sup> Entendida como uma proposta de educação livre, expandida e horizontal, a ‘desescolarização’ é lida aqui em relação ao que no anarquismo é pensado como ‘pedagogia libertária’, a partir de pessoas como Ivan Illich e Ana Thomaz.

nestas ocupações e a opção pela organicidade mantinha resguardados os espaços também para embates e contradições, nem sempre resolvidos da melhor forma, é preciso reconhecer. Em se tratando de um experimento desenvolvido a partir da base de uma estrutura, sem hierarquias, mas certamente também sem pretender apagar ou diminuir diferenças e singularidades, o mais importante a destacar é a oportunidade de aprendizado que a experiência, por sua própria intensidade, representou.

Entre tantos desafios e alguns percalços, podemos dizer que muita coisa foi feita durante estes últimos meses de existência da Casa da Bruxa e do Bandeirão. Para além da mobilização cotidiana para a realização de recicles em feiras de fruta e verdura, chegou a haver hortas, saraus, rituais, oficinas de yoga e de alimentação viva, exibição de filmes, discussão de textos e até uma rádio livre! Infelizmente, porém, não houve tempo nem certamente circunstâncias favoráveis para a plena realização da potência que sentíamos ter aqueles espaços e aquelas pessoas.

A Casa da Bruxa foi demolida, e o Bandeirão desalojado no dia 05 de janeiro de 2016, quando a maior parte das pessoas estava longe da UNIRIO.

#### **Sobre a série ~~descolarizar a Universidade~~ o mundo:**

‘~~Descolarizar a Universidade~~ o mundo’ compreende uma série de escritos e registros produzidos em ‘zonas autônomas’ e espaços experimentais de arte e moradia. Outros números da série podem ser encontrados no blog do projeto Brota: [www.brota.noblogs.org](http://www.brota.noblogs.org).



### **PROJETO BRUXA na UNIRIO: Apresentação**

O Projeto Bruxa é um experimento autônomo em estética e política; uma iniciativa que se apresenta aos professorxs e estudantes (regulares ou não) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), particularmente à reitoria, ao DCE e aos centros acadêmicos desta universidade, com o objetivo declarado de defender e explorar a autonomia universitária, para potencializar algumas das questões colocadas em pauta durante a greve que segue vigente na maior parte das instituições públicas de ensino superior de nosso país; questões como a defesa do caráter público da universidade; a melhoria da infraestrutura; e a melhoria das condições de trabalho e ensino. Inspirada pela chamada cultura “maker” (baseada no lema punk “*faça você mesm*”), pelo movimento crescente de universidades livres, por movimentações contraculturais, pela resistência indígena, e finalmente, pelo pensamento de autorxs muito diversxs como Paulo Freire, Humberto Maturana, Hakim Bey, Gloria Anzaldúa, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jorge Pacheco, Jorge LaRosa, Ivan Illich e Ana Thomaz, o Bruxa reconhece a autonomia como um valor fundamental em processos de ensino e aprendizagem, e propõe enxergar a partir daí na ocupação do Bandejão e da Casa da Bruxa, uma oportunidade para o desenvolvimento de importantes práticas e experimentos em educação livre e desescolarização.

O Bruxa pretende fomentar debates e reflexões sobre a experiência em ocupações, acreditando, junto a autores como Toni Negri e Michael Hardt, que atuam (atuaram na época de eclosão do movimento Occupy, em particular) como espécies de agitadores destas experiências, que elas não venham se desenvolvendo como uma febre pelo mundo desde pelo menos os anos 60 até nossa época por acaso. Sem ignorar as especificidades de uma ocupação em espaço universitário, porém, o Bruxa, muito pelo contrário, acredita na potência deste experimento precisamente por esta condição. Isto é, o Bruxa entende a necessidade urgente de discutir as questões que este espaço coloca em evidência já desde as paredes (nos pixos que apontam em direção a temas como agroecologia, soberania alimentar, educação livre etc.), e considera positiva a atenção que elas podem passar a ter se propriamente reconhecidas pela universidade e, mais particularmente, pelos cursos que ela abriga.

Infelizmente, porém, isso parece muito distante. A ocupação do Bandejão, como se sabe, teve o abastecimento de água cortado há mais de um mês, o que tem dificultado a limpeza do espaço e a realização das atividades que tem abrigado (exibição de filmes; ensaios de peças de teatro; treinos abertos de malabares; leitura e discussão de textos, etc).

Os ocupantes não desprezam o desejo de uma parte significativa dxs estudantes desta universidade de atribuir a este espaço um uso diferente do que vêm sendo feito atualmente. Elxs apenas defendem a legitimidade da posição que assumem, e propõem que se considere a possibilidade de coexistência em um espaço comum. Pois se por um lado este espaço não é o mais apropriado para um alojamento, como parece ser a vontade de alguns estudantes, e se por outro, ele está destinado às atividades dos Centros Acadêmicos e à organização do movimento estudantil, como parece ser o desejo da maioria, é necessário considerar mais propriamente os usos, as atividades e a organização que as pessoas que ocupam estes espaços já vêm desenvolvendo – inclusive com a participação de alguns centros acadêmicos. Da forma como está, esta ocupação propõe, para além da possibilidade de articular diferentes usos possíveis - uma vez que o espaço é grande-, que se considere o interesse de organizações políticas que interferem diretamente na maneira como se vive. Com isso, xs ocupantes não pretendem travancar o caminho dxs estudantes em sua luta, mas potencializar este processo.

Ao levantar discussões acerca de temas como desescolarização, entendida como uma proposta de educação livre e expandida, fundamentada na reivindicação de autonomia em processos de ensino e aprendizagem, questões relacionadas, por exemplo, à possibilidade de ter com eventuais professorxs uma relação horizontal, diferente da convencional, e Bruxa quer sugerir a possibilidade de reinventar a forma de experimentar o ensino superior e os espaços universitários. Como propõe a Universidade Nômade, as técnicas e tecnologias de nossa época possibilitam o estabelecimento de instituições em rede, de modo a possibilitar maior movimentação entre estudantes. Ainda nesse sentido, é sabido que muitas das maiores instituições universitárias do Brasil e no mundo disponibilizam o conteúdo integral de muitas disciplinas de diversos cursos na internet. Quer dizer, se desejamos atuar como livres pesquisadorxs, é preciso ao menos ter acesso à ‘rede mundial integrada de computadores’ (atualmente, somente algumas poucas salas, próximo às janelas, apresentam sinal). Considerando ainda a falta de água, não surpreende a precariedade da forma como esta ocupação vem ocorrendo: falta apoio, é o que queremos dizer; falta deixar de considerar esta ocupação um problema e reconhecer a potência deste experimento como um ponto de partida para desdobramentos mais amplos. Água e internet, para começar, são coisas simples.

É necessário ter em conta que um espaço aberto não possui identidade fixa como parecem supor muitas das pessoas que, sem nem bem saber que tipo de coisas vem se realizando por aqui, são contrárias à ocupação. O espaço muda de acordo com as pessoas que o ocupam. Tendo isso em conta, e Bruxa pede que se coloque em suspenso opiniões,

juílgamentos e pré-suposições, para que se considere mais propriamente as potencialidades da experiênciã neste espaço; potencialidades, enfim, experimentadas por muitxs dxs ocupantes.

Por ultimo, cabe lembrar que esta ocupaçãõ teve início com uma Bienal – a Primeira Bienal Autônoma de Artes – e que, embora este possa parecer um fato corriqueiro para muitas pessoas, na verdade, é um acontecimento bastante significativo para o contexto das artes no Rio de Janeiro, no Brasil e diria até no mundo. O projeto Bruxa deve a isso, ao entendimento deste espaço como um espaço autônomo de arte e experimentaçãõ, as condições que tornaram possível seu desenvolvimento.

Para saber mais sobre o projeto, entre em contato:

[bruxa@riseup.net](mailto:bruxa@riseup.net)



## NECESSÁRIA RADICALIDADE

Ensaio a favor da potencialização das reivindicações de greve e em defesa da continuidade da proposta de OCUPAÇÃO do prédio anexo ao bandejão do Campus de Letras e Artes da UniRio, iniciada com a Primeira Bienal Autônoma de Artes, no dia 27 de maio de 2015 + pedido de apoio ao projeto em curso de organização coletiva para a realização de experimentos que pretendem dar origem a um modelo de espaço desescolarizado que possibilite a transformação da experiência na universidade.

### Pergunta:

**Que uso quer o movimento estudantil fazer do prédio atualmente "invadido" por um bando de "malucxs"? Podem estxs "invasorxs" ser considerados parte do referido movimento?**

Primeiro, antes de julgar, cabe saber o que essas pessoas pensam e fazem nesse espaço, afinal, localizado no interior do Campus de Letras e Artes de uma universidade pública federal. Pois bem, é bom ter claro, para iniciar, que estxs "invasorxs" não são propriamente "invasorxs". São "ocupantes". O termo é importante, pois remete à história do movimento internacional de ocupação de espaços públicos ociosos - história particularmente viva, hoje, em grandes cidades do mundo. As ocupações, com efeito, são objeto de estudo de renomados pesquisadores sócio-políticos e culturais de nossa época, e muitas pessoas que são críticas ao atual estado da cultura, da economia, e da educação, não as encaram exatamente como problemas, mas ao invés disso, como embriões de possíveis soluções: de fato, em tempos de crise econômica e institucional, elas possibilitam a realização de experimentos e o desenvolvimento de alternativas ao modelo hegemônico de relações com x outrx e com o mundo em geral. Sendo assim, é necessário acrescentar que a ocupação do prédio anexo ao Bandejão da UniRio tem sua legitimidade reconhecida por grande parte dxs estudantes desta universidade (informação confirmada recentemente em reunião com o DCE e com os Centros Acadêmicos), e que as pessoas que ocupam este espaço possuem, sim, propostas estéticas e políticas que precisam ser mais cuidadosamente consideradas.

Se nos dispomos a observar mais atentamente então as questões que nos colocam esta ocupação, vemos, por exemplo, que a crítica ao fato de que muitxs dxs ocupantes não são estudantes regularmente matriculados na universidade, geralmente não leva em conta ou valoriza o fato de que estxs ocupantes, embora estejam sempre mudando - uma vez que o

espaço é aberto e rotativo – falam de **educação livre** e insistem no caráter **público** da universidade. Com isso, eles contestam o aspecto competitivo do processo seletivo habitual de ingresso ao ensino superior em nosso país (vestibular e ENEM) e pensam ser coerente então que qualquer pessoa ocupe espaços em que, afinal, se concentra a prática de produção de conhecimento em nossa sociedade. Se bem xs entendemos, vemos que a radicalidade destxs ocupantes não é absurda ou sem cabimento. Absurdo é o fato de que estudantes regularmente matriculadxs em universidades sejam cerca de 3% da população de nosso país; absurda é a elitização da produção do conhecimento em nossa época.

Cientes da existência de alternativas, estxs ocupantes falam de **desescolarização**, e propõem uso da **autonomia universitária**, um dos pontos em pauta na greve das universidades que segue em curso na maior parte do nosso território, para desenvolver experimentos em **autogestão**; experimentos que possibilitem organizações coletivas a partir de princípios como o de **apoio-mútuo** e **horizontalidade**. Assim xs ocupantes acreditam ser possível não reproduzir, desde a base, a estrutura de classes que organiza o campo social em nossa época.

Para considerar estes pontos mais concretamente, xs ocupantes são contrárixs à terceirização de serviços como os de limpeza no prédio ocupado, por exemplo, e pedem àquelxs que eventualmente se incomodarem com a sujeira do espaço, que atentem às implicações da proposta de auto-gestão: compreendendo aí residir um aspecto da proposta de educação referida, xs ocupantes solicitam ajuda para manter limpo ou ao menos utilizável este espaço que é enorme e atualmente está sem água - o corte, não devemos esquecer, deve-se ao fato de que a Reitoria, e parte do DCE - Diretório Central de Estudantes - desta universidade, com pouca disposição ao diálogo e, ao que tudo indica, com muitos preconceitos, são contrários a nossa proposta de ocupação...

Cabe lembrar que a ocupação do prédio anexo ao Bandeirão teve início com a primeira Bienal Autônoma de Artes, e que, se a arte contemporânea é discutida hoje em "campo expandido", junto à vida, é coerente que haja pessoas não apenas dormindo nos espaços livres deste edifício, como, de fato, vivendo nestes espaços. Isto, afinal, é como propor a vida como um evento de arte, o que era já o desejo de Nietzsche. Se assim consideramos propriamente os pontos em que tocam esta ocupação, vemos que as pessoas que admitem viver nestas condições não propõem mera exposição da vida privada, espetacularização da maneira como se vive, ou simplesmente uso privado de um espaço público. Antes, elas propõem a problematização radical dos costumes que dão origem à oposição entre público e privado. Se,

como queria Helio Oiticica, considerássemos as ruas também como espaços de arte, veríamos que mendigos fazem o mesmo. Mas mendigos foram expurgados da zona sul do Rio de Janeiro, o que enfim, torna a presença destxs ocupantes neste espaço ainda mais significativa.

O estranhamento das pessoas que são contrárias à forma como vem se desenvolvendo esta ocupação, é certamente algo como um efeito imediato da constatação de contrariedade em relação à forma idealizada. Neste caso, cabe levar em conta, por um lado, que “a forma como a ocupação vem acontecendo” deve-se em grande medida a limitações como aquela da ausência de água, e por outro, que esta espécie de frustração deve-se precisamente ao posicionamento crítico destxs ocupantes em relação à expectativa de adequação aos modos tradicionalmente ideias de apropriação e uso do espaço. Ao suspender os termos que permitiriam delimitar as fronteiras habituais entre o público e o privado, estxs ocupantes sugerem que o uso do espaço é questão para permanecer em aberto. Do movimento beat e hippie à cultura indígena e cigana, elxs possuem outras referências. Não é apenas legítimo que as tenham, como, em nosso contexto, desejável. Admitir a possibilidade de atualizar o desenho de alternativas em relação ao capital, ou reconhecer que elas já se desenham é o primeiro passo para retirá-las da marginalidade. Se assim reconhecemos esta ocupação como um evento de arte legítimo, e se então admitimos o estabelecimento definitivo de uma “heterotopia libertária” entre nós, favorecemos a crítica em relação ao processo histórico que determina as formas habituais de uso do espaço, tornamos mais vivo em nossa consciência o jogo de interesses relacionados à sua estruturação, e abrimos canais para a realização de experimentos que poderão transformar a experiência em territórios muito mais amplos. Uma ocupação de arte e moradia estabelecida em meio universitário, afinal, pode se converter muito facilmente em algo como uma base experimental de arte e ciência sem quaisquer limites bem definidos.

É necessário, assim, que se considere uma ocupação de arte e moradia em ambiente universitário um fenômeno muito mais potente do que um alojamento ou um espaço institucionalizado de maneira absolutamente comum (com terceirização de serviços de limpeza, restrições em relação ao uso, etc). Uma ocupação neste contexto é, no mínimo, uma ocasião para a realização de experiências que permitam potencializar as reivindicações do movimento estudantil – isto é, se ele for capaz de reconhecer a legitimidade da posição libertária defendida pelxs ocupantes.

Na prática, isto requer certa empatia: há que sair da posição de quem se opõe à ocupação, para então passar a admitir-se juntx às pessoas que ocupam este espaço - somente

assim podemos lidar com formas de afeto que podem parecer a princípio violentas, sem que nos sintamos violentadxs. É assim que o rap, o punk e o pixo, por exemplo, representações e atualizações do problema da violência em campo estético – o campo de nossa experiência sensível -, podem ser reconhecidas como atos de resistência e reação, e não propriamente como atos gratuitos - fundadores da violência. É o que nos permite compreender a estética se a compreendemos como um jogo: a maneira como nos colocamos em relação ao poder é determinante para pensar seus efeitos e a maneira como ele se exerce. Para interromper ciclos infundáveis de ataque e resistência em relação ao outro, é preciso perguntar-se pelo princípio da violência. Isto é, como para o homem acusado de machismo pela mulher feminista, é necessário sair da atitude defensiva, e questionar-se pelas formas de violências não propriamente reconhecidas que antecedem estas manifestações. Somente assim abre-se à possibilidade de **transformação**.

O desejo de algun(a)s dxs estudantes que requerem a desocupação do prédio para que o movimento estudantil possa se organizar, sugere uma incompatibilidade incontornável: embora o espaço esteja aberto, pensam simplesmente não poder ocupar este espaço; sentem-se impedidos decerto pela precariedade em questões de infraestrutura e segurança, por exemplo. Aí, então, se desejamos suspender oposições, seria necessário perguntar: podemos construir estas coisas em conjunto? Ou o “movimento estudantil” também age de modo autoritário e higienista?

A proposta de viver em espaços de mais franca negociação entre o público e o privado possui suas particularidades. Seria necessário nos debruçar sobre elas. Pensá-las junto aos estudantes desta e de outras universidades, talvez. Poderíamos elaborar, por exemplo, instalações inspiradas nos ninhos e nas cosmococas de Helio Oiticica e Neville D’Almeida... poderíamos, para colocar de modo mais geral, assumir desde já este espaço como um laboratório e associar pesquisas a este experimento: para que então ele possa acolher nossa própria produção, qualquer que seja o nosso campo de atuação. Trata-se, afinal, de uma “espécie de utopia realizável” como propõe Foucault: uma “heterotopia”. Que espécie de coisas tal conceito nos permite conceber;

Para aproveitar o ensejo da Bienal proposta e fazer uso efetivo da instituição arte neste espaço, o Projeto Bruxa, ao qual está ligado este texto, propõe assegurar condições que possibilitem, como um dia sugeriu o memorável crítico de arte Mário Pedrosa, o “exercício experimental da (nossa) liberdade”. O que isto significa, o próprio Mário Pedrosa indica: embora falasse de Marx como um “mestre” e embora também tenha ajudado a fundar o

Partido dos Trabalhadores, o crítico era conhecido por amigos íntimos como um tipo “libertário e anarquista”. Contradição? Não necessariamente. Se junto a ele consideramos a Revolução Estética como uma revolução de ordem espiritual, podemos compreender sua relação com o PT como uma estratégia útil à sua época para que as coisas caminhassem em direção a mais ampla possibilidade de “plena realização de nossa potência de vida” (para aproximar a concepção de trabalho esboçada pelo jovem Marx dos termos em que se expressam o tema da vida como obra de arte na obra de Nietzsche). Pois agora que o tempo é outro, o Projeto Bruxa sugere que a estratégia crítica dessa vez seja mais assumidamente anarquista.

O projeto Bruxa, assim, pode ser considerado fruto do desejo ou mesmo da necessidade de desconstruir estereótipos em torno do anarquismo, encorajando, em relação à onda conservadora crescente em muitos segmentos da sociedade em nossa época, o desenvolvimento do pensamento crítico e libertário nas mais diversas áreas do conhecimento.

De modo mais concreto, o Projeto Bruxa propõe o reconhecimento deste espaço como um espaço desescolarizado, aberto à negociação das vontades daqueles que o ocupam, sobretudo aberto às margens – às vozes geralmente ausentes em espaços acadêmicos. Este é também, afinal, um espaço de empoderamento e potencialização de questões que podem, enfim, contribuir com o estabelecimento de bases que possibilitem o desenvolvimento de uma cultura mais livre e diversa.

Para finalizar, não queremos apenas a suspensão do corte de água ocorrido, a esta altura, há mais de dois meses. Queremos apoio para desenvolver esta heterotopia com a realização de atividades e com a produção de eventos e experimentos os mais diversos.

### **Projeto Bruxa**

Contato: [bruxa@riseup.net](mailto:bruxa@riseup.net)

### **Lista de materiais para as ocupações:**

- Livros para constituição da biblioteca da ocupação;
- Geladeira e fogão;
- Painéis; pratos; talheres;
- Modem;
- Pen-drives com seleção de arquivos digitais - vídeos, músicas, livros;
- Sementes;
- Retroprojetores e computadores;
- Instrumentos musicais;
- Vitrola (toca-discos);
- Tintas e pigmentos (para pixos, grafites e pinturas);
- Tecido de algodão cru, para a produção de telas;
- Tecidos coloridos - para a produção de instalações, confecção de malabares, capas de almofada etc.
- Ferramentas de construção – martelo; furadeira; serra; chaves de fenda...
- Máquina de Xerox, para cópias de textos, produção de zines e periódicos;
- Aprechos de iluminação para criação de ambientes;
- Roupas velhas e acessórios para criação de personagens;
- Retalhos;
- Fios de macramê para realização de oficinas de artesanato;
- Placa de energia solar;
- Combi – para facilitar deslocamento de pessoas e materiais, visita à espaços e viagens em coletivo.
- ...



## HISTÓRIA VIVA

A história, se bem a notamos, é uma fabricação incompleta. Aberta em nossa experiência, ela se expressa na forma como as relações se estabelecem em nossa época, na composição física do espaço, nos acontecimento e costumes mais singulares. Tornando-a consciente, podemos notar com maior facilidade a repetição de certos padrões e o domínio de certas narrativas sobre outras. O que parece limitar a ativação de potências de diferenciação, impedindo a história de prosseguimentos mais diversos, é basicamente a nossa *adequação* às normas estabelecidas no meio e na época em que vivemos. Isso pode ser considerado um efeito das condições materiais e econômicas que, afinal, são determinantes para o estabelecimento das vontades e dos desejos que movem as pessoas, por exemplo, em seus trabalhos. Tais condições sugerem um *imperativo de obediência e coerência interna*, cuja consequência é o seguimento de certos fluxos (e o impedimento de outros), conforme ao que parece ser o costume globalizante da época, como se a repetição assegurasse a preservação necessária de todos os ritos e formas de vida possíveis – apenas aqueles que puderem ser considerados legítimos. Daí a atualização aparentemente perpétua de problemas reconfigurados sempre segundo um quadro de hierarquias que permanece, em grande medida, inalterado. Se desejamos investir na potência de transformação de um determinado processo histórico, podemos começar por reconhecer que nossa experiência é compartilhada de tal forma que as possibilidades e limitações que reconhecemos ou deixamos de reconhecer são muitas vezes *comuns* entre nós. Todas as pessoas vivas, afinal, estão imersas - de formas muito singulares, é verdade - no espírito de um mesmo tempo. Esta espécie de reconhecimento é útil não apenas por favorecer organizações político-afetivas, mas também por facilitar a identificação de desvios em relação às normas e tendências que se revelam comuns em um determinado meio. A estas alturas, afinal, embora seja sem dúvida importante tomar alguma distância em relação ao hábito, é preferível ao mero distanciamento crítico, a coragem de engajar o corpo em processos que possibilitem o desenvolvimento de alternativas efetivamente críticas, isto é, coragem para alterar a nossa própria experiência, fazendo uso do poder de agência que todos temos em relação à história - poder que a arte nos ensina pela própria história ser comum.

É o que procura lembrar o projeto Bruxa, um experimento em estética e política que retoma o tema da vida como obra de arte para articular questões de arte e educação que abrangem desde a nossa alimentação e moradia, até nossos costumes mais gerais. Θ Bruxa, como vem sendo chamado, questiona o modo de vida - educação, moradia, alimentação, segurança e saúde - que nos propõe o Estado, propondo potencializar um amplo movimento relacionado ao exercício de uma ética da liberdade, e ao desenvolvimento de técnicas e tecnologias outras, a partir de princípios como o de autonomia e horizontalidade em espaços que compreende como *heterotopias libertárias*: espaços de arte e experimentação, agroecologia, desescolarização e descolonização.

Compreendendo que podemos atuar em processos de transformação que visem assegurar condições para o livre desenvolvimento de nossas singularidades, Θ Bruxa pretende constituir uma rede entre espaços e colaboradorxs, para a aquisição de materiais, e para a realização de experimentos, eventos e encontros.

+

Para falar mais propriamente de arte, é preciso reconhecer os fundamentos do regime em que ela é compreendida em nossa época, isto é, os fundamentos do “regime estético”, como propõe Jacques Rancière. Chamamos arte, pois, àquilo que permanece em aberto em nossa experiência: o próprio Espírito do tempo, Absoluto, nunca propriamente compreendido quando julgado: isto é, ao mesmo tempo, “indeterminação da faculdade de julgar” (Kant) e “experiência de suspensão de opostos” (Schiller): a liberdade das potências e o extravasar das formas, para além do bem e do mal (Nietzsche); o máximo de afirmação que suporta um espírito: infinitude (Espinosa).

Θ Bruxa propõe, em relação à diferença, a apreciação; não o julgamento. Assim pode ser resumida, talvez, sua proposta de associar os fundamentos históricos do atual regime das artes a um projeto político libertário, aproximando o projeto histórico de “educação estética da humanidade” do que vem sendo compreendido mais recentemente como *desescolarização\**: uma proposta de educação livre e expandida que identifica a autonomia em processos de ensino e aprendizagem como um valor fundamental.

Θ Bruxa pretende atuar em processos de estruturação de espaços, e formação pessoal-coletiva, facilitando o desenvolvimento de técnicas e tecnologias em direções mais diversas do que o costume em nossa época. Da arte à ideia de Deus, passando pelo xamanismo, pela família, pela universidade, pelo movimento estudantil, e mesmo pela lei, as apropriações

institucionais envolvidas no desenvolvimento deste trabalho podem ser consideradas indicativas de sua radicalidade. Trata-se, com efeito, de uma proposta que poderia ser designada antropofágica e possivelmente pós-anarquista - termos que precisam ser levados em conta, uma vez que apropriações institucionais, no caso da universidade, por exemplo, não dependem apenas de aproximações propositivas, mas da efetiva compreensão por parte do corpo que as sustenta.

A radicalidade do projeto Bruxa, bem como a ambição de sua aplicação em campo expandido, deve-se à certeza de sua utilidade em momentos de crise, e então a um sentimento de urgência em relação a seu uso. Isto é, o Bruxa pretende servir como um instrumento para que se considere a possibilidade de desenvolver muito mais relações de prazer do que de violência a partir das diferenças que entre nós geralmente produzem conflito. Para o Bruxa, esse novo paradigma de que tem se falado (de Deleuze à Ana Thomaz), pode ser considerado *trans*: oposto à rigidez dos dualismos mais tradicionais; focado, ao invés disso, em criar possibilidades de sentido a partir de movimentos entre polaridades – movimentos modulares de durações, intensidades, quantidades, e qualidades variáveis. É assim que o Bruxa pretende, com alguma insubordinação formal em relação à academia, propor a desconstrução da verticalidade funcional, por uma horizontalidade expansiva e experimental.

A estética, compreendida como campo de pensamento construído em torno da experiência que implica a realização da arte ao longo do tempo, é também o campo que nos leva a considerar as implicações mais amplas do fato de sua realização em nossa vida, para muito além do campo mais tradicional, relacionado a museus, galerias e objetos mais ou menos específicos. Por isso o projeto Bruxa, um experimento em estética e política desenvolvido com foco sobre a experiência do corpo no espaço, está empenhado em retirar essa discussão do âmbito elitista mais tradicional do campo da arte e da academia. Para além da anti-arte ou da não-arte, na intersecção entre estética e política, onde atuam direta ou indiretamente pessoas como Jacques Rancière, Michel Onfray, Paul Beatriz Preciado, Eduardo Viveiros de Castro, Fabiane Borges e Ana Thomaz, por exemplo, discutem-se questões iminentemente práticas, e de interesse comum. Trata-se, pois, de descobrir, junto a estas pessoas e muitas outras, de que modo o pensamento libertário se expressa nos mais diversos campos da atividade humana.

+

Neste momento, o projeto Bruxa vem pedir, ao movimento estudantil em particular, mais atenção em relação ao que vem sendo pensado e feito na ocupação que agora ocorre no prédio anexo ao bandeirão, no Campus de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – a UNIRIO.

⊖ Bruxa propõe que a ocupação não seja identificada como um problema, mas como uma oportunidade de organização coletiva; para que então se considere o desenvolvimento de um espaço de arte e ciência desescolarizado e crítico em relação ao caráter elitista da universidade em nossa época.

Lembrando que nesse prédio ocorreu uma “Primeira Bienal Autônoma de Artes”, ⊖ Bruxa considera este um espaço privilegiado para explorar a percepção de que saber-se artista envolve dispor-se ao exercício de nosso poder de afeto e interferência sobre a experiência da realidade.

+

Contato: [bruxa@riseup.net](mailto:bruxa@riseup.net)

+

Com foco sobre os efeitos políticos e sociais da extensão do pensamento sobre a arte aos demais campos da atividade humana, ou, se quisermos, sobre os desdobramento do que se considerou o fim da história da arte, ⊖ Bruxa propõe, com a rede Cooperativa Poética, a potencialização de processos de organização política e transformação da experiência em nossa época.

Dispostos aqui de modo assumidamente genérica, os pontos seguintes pretendem indicar a distância de que nos encontramos do exercício de uma possível ‘ética da liberdade’, bem como evidenciar algumas das razões, muitas vezes esquecidas, naturalizadas ou ignoradas para desejar mover processos de organização e mudança:

-situação da educação: verticalidade, subordinação, sucateamento, privatização;

-qualidade da saúde e da alimentação: atendimento em hospitais públicos, indústria farmacêutica, perda de contato com a terra, transgênicos, agrotóxicos etc.

-geração de resíduos e seu tratamento (de fábricas e supermercados à sistemas de saneamento básico);

- papel determinante da economia na experiência do espaço: poder de empreiteiras e do agronegócio, tarifas de transporte público, aspecto carcerário de escolas;
- genocídio indígena, escassez de recursos e falta de autonomia em comunidades;
- oligopolização e uso da mídia praticamente exclusivo para propaganda capitalista e religiosa;
- embotamento midiático e religioso da sensibilidade;
- violência em processos de higienização e gentrificação social;
- política do medo nas ruas;
- política de drogas;
- militarização da polícia;
- redução da maioria penal;
- maior parte das pessoas em presídios negra e pobre;
- violência e intolerância em relação a manifestações de diferença: machismo, racismo, homofobia, lesbofobia, transfobia, gordofobia, xenofobia etc.
- ...

Ao colocar em pauta cada um destes e tantos outros pontos, com a realização de atividades que envolvem desde a exibição de filmes, leituras e discussão de textos, até a realização de experimentos em mídia livre, e recicles em feiras e sacolões de frutas e verduras, as ocupação de espaços públicos ociosos e o desenvolvimento de espaços autônomos são ocasiões privilegiadas para repolitizar a cidade e a chamada sociedade civil.

+

**Da organização em coletivos em espaços libertários como tática para ultrapassamento das condições de sobrevivência dadas em tempos de “vida nua”:**

Sobreviver à contemporaneidade, dada a hostilidade dos tempos atuais, pode não ser tarefa fácil. Reconhecer que nunca estamos exatamente sozinhos no enfrentamento destas

condições é, por isso, um passo importante. Geralmente, processos de organização e fortalecimento mútuo são espontâneos e nos encaminham de modo mais ou menos consciente para junto de nossos “coletivos” - nossas relações de afeto entre amizade, trabalho, e família.

O que o projeto Bruxa vem propor, é que para potencializar processos de organização, precisamos nos dispor a trabalhar em coletivos mais integralmente. Assim podemos trabalhar na produção de campos que permitam compartilhar processos de subjetivação verdadeiramente distintos dos normativos, assegurar outras bases para o desenvolvimento de nossa cultura e com isso, finalmente, condições efetivamente heterotópicas para o desenvolvimento da arte.

Destacar este ponto em particular é importante, pois se consideramos a relação da arte com a história não exatamente como sendo meramente reflexiva, mas como uma possibilidade real de transformação da experiência, entendemos aí a razão de nossa insistência no reconhecimento destes fenômenos – ocupações, espaços autônomos e campos espaciais essencialmente contra-hegemônicos - como casos de arte: todxs desejamos que a história se desenvolva de modo que estes espaços não apenas sobrevivam, como que cresçam de modo que contaminem outras partes, e enfim, modifiquem a experiência em campos cada vez mais vastos.

Entre a Bruxa e o Bandeirão o espaço é grande e por enquanto somos poucos, mas entendemos que a potência afetiva desses experimentos não depende apenas da quantidade de pessoas que frequentam o espaço, como também, e sobretudo, da qualidade das relações que as pessoas que atuam no espaço tem com o próprio espaço e entre elas mesmas; depende, para dizer de outro modo, da intensidade da experiência. É algo muito relativo, claramente. Mas, ao propor o reconhecimento destas iniciativas como casos de arte, tendo em mente referências tão diversas quanto a antropofagia, o situacionismo, o fluxus, o movimento beat, hippie, punk, a cultura indígena e mesmo cigana, todas de algum modo presentes nestes espaços, o projeto Bruxa deseja fazer ver mais amplamente a potência de renovação cultural destas experiências.

+

Espaços libertários são, sobretudo, espaços privilegiados para considerar a possibilidade de “exercícios experimentais de liberdade”, como um dia escreveu Mário Pedrosa, conhecido crítico de arte brasileiro.

Que isto significa?

Ora, nesses espaços fala-se de anarquismo e de seus princípios gerais. Fala-se de horizontalidade, auto-gestão, apoio-mútuo, descentralização e ação direta, por exemplo. A ênfase é ‘micropolítica’, no sentido em que estes termos sugerem que as pessoas nestes espaços estejam atentas a sua própria experiência. Assim, eles funcionam como garantias de que nestes espaços haverá absoluta abertura à expressão da possível diferença entre nossas vontades, e nenhuma demonstração de autoritarismo, por exemplo. Naturalmente, isso exige sair do lugar comum. Especialmente na medida em que implica dispor-se à desconstrução da cultura com a qual a maior parte de nós está acostumada; uma cultura de subordinação e verticalidade muitas vezes mal percebida. Pode ser que algumas destas pessoas vivam em espaços anarquistas a maior parte do tempo de suas vidas e sintam as coisas de modo muito diferente de outras que acabam de chegar. De todo modo, na prática, a proposta de um espaço libertário frequentemente exige a habilidade de lidar com eventuais tendências ao conflito de maneira mais consciente e, como propõe o próprio princípio de horizontalidade, justa. O Projeto Bruxa articula e propõe que se considere, neste sentido, alternativas reais ao uso autoritário do poder, e às diversas formas como o colonialismo, o higienismo e o fascismo, por exemplo, se preservam e reproduzem em nossas práticas.

Em relação a este ponto, o Projeto Bruxa procura desenvolver, junto aos ocupantes, alternativas ao modelo de segurança tradicional. Está assim prevista ou em andamento uma série de estudos relacionada à comunicação não violenta, jogos dialógicos e auto-defesa. Estas práticas, ao se tornarem regulares, devem utilizar momentos de tensão, com incitação à realização de movimentos e transformações sempre que houver predisposição ao choque. Por enquanto, nessa direção vem sendo realizadas oficinas de Yoga, acroyoga e Capoeira na Casa da Bruxa e no Bandeirão.

É útil considerar comum a identificação de dificuldades em processos de transição de um modelo de educação tradicional para um modelo de educação livre e expandido. Aos poucos, havendo sinergia entre os coletivos que habitam e gerem estes espaços, a tendência é que a potência afetiva da relação entre os corpos vá sendo reelaborada. Exatamente neste ponto reside o maior interesse, e a verdadeira potência transformadora em que investe o projeto Bruxa.

Entre nós que desejamos viver em espaços libertários interessa desconstruir e modificar a cultura desde estes pontos. É nossa convicção que a presença de um espaço libertário e um experimento autônomo como este em um campus universitário é algo cuja importância deve ser mais propriamente considerada; ainda mais se pensamos em autonomia e extensão universitária. O contexto universitário é, de todo modo, pela própria congregação de áreas do conhecimento as mais diversas, algo que interessa de modo particular à maior parte dos ocupantes.

Aos estudantes e às demais pessoas ligadas à universidade que se opõem à ocupação, recomendamos considerar quantos espaços permitem nesta região o desenvolvimento de alternativas ao modelo de formação capitalista. Não podemos, ao invés de acabar com um destes pontos, fortalecer o desenvolvimento de uma rede entre eles?

A experiência da Casa da Bruxa e do Bandeirão inclui ainda práticas como as de *freeganismo* e *recycle* em padarias, mercados, feiras e sacolões. Estas práticas precisam ser propriamente reconhecidas como proposições críticas em relação aos “resíduos” de nosso sistema econômico - restos de alimento são coisas que geralmente atraem ratos - animais muitas vezes adotados como símbolo de movimentações anarquistas (considere-se por exemplo os ratos de Banksy ou o filme *A Febre do Rato*): lembrança, talvez, das coisas ‘repugnantes’ que se criam na marginalidade, sem serem desejadas.

Em tempos de “vida nua”, quando a norma sugere o emprego de nossa potência de vida em jornadas mais ou menos alienantes de trabalho, é pois desde as margens que vemos nascer alternativas. De repente os ratos nos inspiram a ver que o esforço necessário para apenas sobreviver, tendo que pagar por moradia e alimentação, pode ser contestado, e que a potência de arte em nossa vida deve ser expandida, sobretudo enquanto exercício de liberdade e não domesticação. Eis o princípio fundamentalmente romântico e libertário do pensamento anarquista e marxista (considerando os escritos do jovem Marx, como costumam lembrar autores como Michel Löwy e Noam Chomsky) a ser reconhecido; princípio que, se mantemos desperta a perspectiva que nos propõe certa “filosofia da diferença”, nos permite olhar de modo mais propriamente compreensivo em direção à “parte maldita”: de ratos, à índios e bruxas.

Para os próximos dias, pretendemos nos empenhar na produção de materiais impressos de arte, comunicação e propaganda; materiais que devem facilitar a organização do coletivo, o diálogo com os estudantes e com a universidade em geral. Este ponto começa a ser

explorado agora com a realização de oficinas de cartazes, lambes e zines na ocupação. Pedimos a colaboração de todxs com a doação de materiais e/ou participação nas atividades.

Alimentando este processo junto à Universidade e ao Movimento Estudantil com a apropriação deste espaço para uma experiência mais ampla e aberta em auto-gestão e desescolarização, o projeto Bruxa acredita e pede que se acredite na potência deste experimento. Com disposição a exercitar a capacidade de manter com x outrx relações de apoio-mútuo, estamos certos de que podemos trabalhar JUNTXS.



Sobre a ocupação da Casa da Bruxa e do prédio anexo ao bandeirão do Campus de Letras e Artes da UNIRIO:

**Apelo ao movimento estudantil pela universalização do direito ao acesso e à produção do conhecimento a partir da experiência em auto-gestão atualmente em curso nesta universidade:**

A partir de reuniões e grupos de trabalho realizados com a reitoria e com o DCE (Diretório Central de Estudantes) da UNIRIO, nós que ocupamos a Casa da Bruxa e o prédio anexo ao bandeirão do Campus de Letras e Artes da universidade, elaboramos esta nota com o objetivo principal de responder a objeções em relação ao uso dos espaços ocupados, bem como a acusações de que as ocupações se tornaram “albergues” ou simples moradias. Para nós, a posição que nosso corpo ocupa no espaço é política, de modo que, se dormimos neste campo específico, precisamente este ponto precisa ser mais propriamente considerado.

Nós defendemos a proposta de ocupação destes espaços em tempo integral, porque apenas assim as implicações micropolíticas envolvidas em nossa proposta de **auto-gestão** podem ser efetivamente experimentadas. Entendemos que as restrições morais e econômicas que dificultam e limitam processos de organização coletiva em nossa época, não nos deve impedir de perceber que experiências como estas são decisivas para o desenvolvimento de alternativas em relação ao modelo hegemônico vigente. Afinal, a construção histórica que justifica a divisão e o uso do espaço em nossa época não deve ser simplesmente naturalizada. A autonomia universitária pode e deve ser explorada, nesse sentido, para abrir “brechas nas velhas e novas cercas que produzem e reproduzem [entre nós] as velhas e as novas formas de subordinação”<sup>4</sup>. Por isso, ao falar de auto-gestão, nós fazemos resistência à terceirização de serviços como os de limpeza nesses espaços, e, recordando raízes comuns entre Marx e anarquistas como Bakunin, investimos em processos de livre formação com fazeres que equivalem a diferentes modos de aproximar arte, trabalho e vida. O que talvez para algumas pessoas soe demasiado romântico, outras propõem que se considere com a força de um movimento (contra) cultural de resistência em vias de ascensão.

Não se trata de desejar a criação de um “mundo paralelo”, como alguém disse em reunião um dia. Mas certamente de propor o uso da arte e da filosofia, reconhecendo, na intersecção entre estética e política, tanto as ocupações como o pixo, não apenas como manifestações culturais legítimas, mas como ocasiões para uma apropriação do movimento estudantil, no sentido de alimentar o desenvolvimento de pontos que poderão se conectar a outros dando origem, pelo próprio movimento das pessoas que transitam por estes espaços, a uma rede de caráter transnacional (lembrando que por ocupações como estas passam pessoas vindas de muitas partes). Trata-se assim de forçar os limites da autonomia e da extensão universitária, para aproximar o modelo tradicional de ensino superior do espírito de universidades livres, como a Universidade Nômade: espírito de certo modo encarnado por críticxs da cultura, artistas de rua e malucxs de estrada, que afinal, também cumprem função educadora, por assim dizer, em campo expandido<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Para uma Universidade Nômade. Disponível em: [http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/113003120819Para%20uma%20Universidade%20N%C3%B4made.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120819Para%20uma%20Universidade%20N%C3%B4made.pdf)

<sup>5</sup> Cabe considerar o caráter crítico do discurso de algumas dessas pessoas: [https://www.youtube.com/watch?v=qw\\_loNboK00](https://www.youtube.com/watch?v=qw_loNboK00); <https://www.youtube.com/watch?v=SGDy9pYsIlg> (Rafael Lages, em duas partes); [https://www.youtube.com/watch?v=NMn\\_1rQ3sms](https://www.youtube.com/watch?v=NMn_1rQ3sms) (Eduardo Marinho).

Estes espaços podem ser muito simples, não apenas porque estas pessoas que estão realmente dispostas à construção de alternativas geralmente não se importam de dormir no chão, mas porque o importante é que sejam espaços experimentais de arte e ciência - a começar pelas sociais -, espaços autônomos, heterotopias libertárias: campos que possibilitem a integração de conhecimentos advindos de diferentes áreas. Isto é mais do que destinar o uso do prédio para centros acadêmicos: é investir na possibilidade de transitar livremente pelas bordas entre os cursos, desfazendo fronteiras e alimentando o desenvolvimento de um amplo movimento que permita, a partir da proposta de auto-gestão, aproximar questões tão diversas quanto a educação livre, a soberania alimentar, o (trans)feminismo, a descolonização, os saberes ancestrais, a permacultura, a agroecologia, a consciência corporal, a pirataria, os softwares livres, o amor livre etc.

Nós não esperamos a adesão instantânea de um grande número de pessoas a um conjunto de práticas que exige, no limite, alterar a maneira como se vive. Sabemos que mesmo instituições de ensino que optam por fazer mais formalmente a transição para modelos de educação livres - desescolarizados - passam por um momento de estranhamento e adaptação muitas vezes complicado, e que este pode ser um processo lento. Nosso desejo é que se adote uma política interna de auto-gestão que permita manter nestas ocupações o espírito de compartilhamento e a dinâmica de formação coletiva que já existe nestes espaços, de modo que seja ainda possível preservar a possibilidade de dormir nestes espaços, nos casos em que isso for desejado: assim mantemos em suspenso a questão do uso do espaço público, e levamos para outro nível a discussão acerca do que realmente nos propõe o fenômeno das ocupações de espaços públicos, que afinal, não ocorrem tanto em nossa época por acaso.

Não pretendemos, com isso, negar que nossas ações são ainda, em muitos sentidos, precárias. Falhamos, por exemplo, na parte de comunicação, para que estudantes e a universidade em geral pudessem perceber mais propriamente a força destas ocupações enquanto experimentos autônomos e movimentos políticos que, ao tratar da cultura indígena e de bioconstrução, por exemplo, apontam alternativas “ancestrofuturistas” para o desenvolvimento estrutural da universidade. Pois se a crise da instituição universitária é particularmente emblemática aqui, sabemos que ela não se restringe à UNIRIO. Por isso, radicalizando a reivindicação por autonomia a partir destes espaços, é nosso intuito desenvolver a partir deles experiências que poderão se tornar referências para outras universidades e ocupações de nosso país.

O bandeirão (o restaurante universitário) está fechado, mas nós estamos diariamente fazendo recicles em feiras, sacolões e padarias (não ignoramos o absurdo de um sistema econômico que nos desapropria da terra e encaminha uma quantidade imensa de alimento próprio para o consumo todos os dias para o lixo); estamos nos organizando constantemente para a limpeza e manutenção dos espaços ocupados (algo que o corte de água do prédio anexo ao bandeirão dificulta muito); tendo desenvolvido um calendário orgânico, estamos ainda sempre envolvidos em pesquisas e atividades que envolvem escrita, música, leitura, pintura, exercícios e exercícios de consciência corporal (yoga e malabares, por exemplo)...Nosso envolvimento com plantas é ainda muito tímido, mas já temos nossa horta; e muito em breve, uma rádio livre! Nosso desejo é que estes espaços se tornem algo como estações experimentais de arte e ciência. Por que tantos estudantes se opõem a isso? Estas não são coisas que podem ser simplesmente desprezadas.

Sabemos que para algumas pessoas os planos de uso deste espaço eram outros, mas pedimos para que se considere o que começa a se desenvolver por aqui como uma oportunidade de desvio com o sentido de potencializar as reivindicações políticas do movimento estudantil, tornando-as menos elitistas e mais verdadeiramente públicas.

Agora que estamos sem água há cerca de três meses e em processo decisivo de negociação com a reitoria e com o DCE da UNIRIO, pedimos, para finalizar, a colaboração de todos. Temos muita carência de materiais, de utensílios de cozinha, e ferramentas para (bio)construção, livros para estruturação de biblioteca (temos uma relação sendo encaminhada), almofadas, tintas, tecidos e retroprojetores... Com isso, acreditamos ser possível ocupar estes espaços juntos, para fazer crescer na universidade um projeto de interesse comum que assegure condições para o desenvolvimento de nossas singularidades; isto é, um projeto em que realmente se possa acreditar.



## O teatro da vida cotidiana

(para uma apropriação da instituição arte desde as brechas da história)

(Ensaio sobre estética e política)

Disse um dia Thierry de Duve, conhecido crítico e pensador da arte moderna e contemporânea, que se aceitamos os *ready-mades* de Marcel Duchamp como casos de arte, então decorre necessariamente daí que todos somos artistas.

Como isto pode ser compreendido?

Marcel Duchamp é, segundo consta, o primeiro artista a fazer uso da instituição arte para propor a identificação da excepcional experiência que caracteriza a arte desde o princípio do período moderno, na relação que temos com objetos comuns. O artista recusava o deleite da experiência estética tradicional, recusava até mesmo a arte em seu período dadaísta, preferindo afirmar em seu lugar a vida. Podemos dizer que para o artista, segundo ele próprio, interessava muito mais a “indeterminação da faculdade de julgar”, do que a produção de objetos específicos.

Muito antes de Duchamp, os românticos e também Nietzsche, a seu modo, sugeriam os princípios que o artista mais tarde viria a explorar. Para pôr de modo muito geral, para estes pensadores arte e vida caminham juntas; não são dissociáveis. O que nos faz artistas são os momentos em que experimentamos a plena realização de nossa potência de vida, quando então nossa capacidade de julgar não basta para compreender propriamente a experiência que temos.

Sobre estes aspectos, Joseph Beuys, depois de Duchamp, é certamente um dos artistas mais influentes. Conhecido por trabalhar com materiais como feltro e gordura, Beuys foi um desses artistas que pensava sua produção “em campo expandido”: nutria grande interesse pelo pensamento de pessoas como Schiller, Novalis e Rudolf Steiner, cunhou termos como o de “escultura social”, falava da figura do artista como xamã, e ajudou a fundar na Alemanha uma Universidade Livre, em 1971.

Se consideramos a arte como uma prática “livre” – “prática desinteressada do espírito”, ou “exercício experimental da liberdade”, como dizia o crítico de arte pernambucano Mário Pedrosa, podemos dizer que esses temas tão recorrentes – da vida como obra de arte e de sermos todos artistas – são, no limite, libertários: enunciados que a história da arte apresenta como que para desencadear processos de libertação.

Coloquemos então à prova estas ideias com um estudo de caso: a ocupação que ocorre agora no prédio anexo ao Bandejão do Campus de Letras e Artes da UniRio – ocupação notavelmente iniciada com uma Primeira Bienal Autônoma de Artes, no dia 27 de maio de 2015. Propondo que se considere os ocupantes como artistas, uma vez que vivem neste espaço e reivindicam, em sua maioria, a alcunha de anarquistas e/ou libertários, é nosso intuito provocar a suspensão momentânea do hábito do julgamento, e a dilatação da capacidade de apreciação em relação ao que fazem.

### A ocupação como uma heterotopia libertária

A primeira vista, talvez, os elementos que mais saltam aos olhos nesta ocupação, como em outras, são os puxos, e talvez, a atmosfera muito pouco asséptica do espaço. Também como ocorre em outras ocupações, há pessoas dormindo por aqui, e nem todos os estudantes da universidade estão de acordo com isso, especialmente porque muitas delas não são estudantes regulares da Universidade. Concluem apressadamente algumas pessoas que o caso de “invasão” e “parasitismo” não pode ser admitido em espaço universitário.

Pois bem, estes julgamentos culminaram em um corte de água ocorrido há quase três meses atrás, e a um estado de tensão crescente entre as pessoas envolvidas nesta ocupação. Algumas delas, porém, resistem e, profundamente identificadas com a tradição do pensamento libertário, propõem, com alguma teimosia, que se considere o problema de modo mais amplo. Questionando o caráter público da universidade, insistindo em horizontalidade e autonomia na educação, defendendo a proposta de auto-gestão, bem como uma aproximação (central para pensadores como Jaques Rancière) entre arte e trabalho, elas acreditam na potência deste experimento não apenas para elas, mas para a universidade, para o movimento estudantil e para a sociedade como um todo. Esta ocupação, afinal, como muitas, articula questões referentes a campos tão diversos quanto educação, economia, saúde, direito, família, propriedade, alimentação, moradia, corpo, cidade etc.

De modo muito geral, os estudantes que se opõem ao que pensam e fazem os ocupantes deste prédio sentem como se tivesse havido trapaça no sistema de ingresso à universidade; que estão sendo de algum modo prejudicados com esta ocupação, uma vez que um espaço de que poderiam usufruir está sendo ocupado por pessoas que não passaram, não ao menos com o mesmo sucesso, pelo rigoroso processo seletivo que enfrentaram. Com isso, elas defendem o privilégio do acesso ao ensino superior sob a justificativa do merecimento, sem muitas vezes perceber que com isso sugerem conformação ao modo de intervenção do Estado na vida das pessoas, não importando quão justas, benéficas ou construtivas elas sejam. Afinal, sendo a função do Estado propiciar às pessoas serviços em áreas como a de saúde e educação, por exemplo, se nós que somos “o povo” temos algum tipo de necessidade nestes campos, estes estudantes sugerem que ao invés de simplesmente atravessar seu caminho, precisaríamos nos adaptar a estrutura que ele nos disponibiliza para, de acordo com as regras permitidas, utilizar as ferramentas que nos permitam chegar aos objetivos pretendidos.

Na prática, porém, vemos que a coisa funciona de modo bastante problemático. Entendemos que o Estado, por sua própria estrutura, impõe ritmos e possibilidades muito decisivas aos nossos desejos mais vitais. A violência aí implicada é muitas vezes explícita. Daí a radicalidade da ação política dessas pessoas que ocupam e resistem: elas recusam a se habituar à maneira como o poder é exercido em nossa cultura e fazem desse espaço um espaço de empoderamento.

Isto é, as pessoas que ocupam este espaço reivindicam, junto à legitimidade e a descriminalização do pensamento libertário, anarquista e pós-anarquista, sobretudo, **autonomia**. Pois para estes ocupantes, a intervenção do Estado na vida das pessoas é muito mais nociva do que positiva, especialmente na medida em que preserva e generaliza a ética capitalista. Para considerar as áreas de saúde, moradia, e educação, por exemplo, ao ocupar um espaço universitário público e realizar atividades como recifes em feiras de frutas e verduras, estes ocupantes, ainda que de maneira simbólica, permitem estranhamento em relação à forma convencional como nos alimentamos e habitamos os espaços; eles questionam o fato de sermos desapropriados de direitos básicos na relação com a terra e com as plantas, por exemplo. Não é meramente retórico, por isso, o interesse por coisas como

soberania alimentar, plantas medicinais e educação livre: estxs ocupantes provocam a possibilidade real de vidas muito diversas em relação ao modelo hegemônico.

Para pôr de modo muito breve, para estxs ocupantes o modelo de governo representativo, de que depende o Estado, é inapropriado, basicamente porque todas as pessoas devem ter participação direta no exercício do poder: ou seja, no processo necessariamente compartilhado de decisão das questões de que dependem suas vidas. Reivindicando assim a legitimidade de organizações sociais e políticas autônomas e contra-hegemônicas, estxs ocupantes reconhecem a utilidade da “autonomia universitária” para ao menos resguardar o direito ao desenvolvimento de alternativas. Por isso pretendem levar adiante a polêmica com o Diretório Central de Estudantes e com a Reitoria da Universidade.

Ao falar de desescolarização, de horizontalidade e de anti-autoritarismo, estxs ocupantes convocam um movimento estudantil que compreenda a educação em campo expandido, e que então considere a possibilidade de descentralizar o lugar oficial de exercício do poder. Quer dizer, já com textos como este, xs ocupantes não se dirigem às autoridades, mas às pessoas em geral; artistas, como afinal somos todxs. É aí que, enquanto estxs ocupantes questionam das mais diversas formas a ética dominante, podemos considerar o exercício experimental de uma ética da liberdade. Pois essas pessoas que falam de autonomia e horizontalidade sabendo que não vivem isoladas, que muitas vezes as decisões sobre suas vidas dependem dx(s) outrx(s) com quem vivem e compartilham suas experiências, pretendem, com isso, exigir condições para que suas vozes sejam ouvidas, mesmo em circunstâncias desfavoráveis; para que, de fato, a política, como relação de poderes, se exerça de maneira mais justa entre nós. O contrário é o que permite o Estado em processos de desocupação em favelas, por exemplo: o esmagamento da potência de vida dxs ocupantes sem que haja, por incapacidade de escuta e consciência, espaço de fala, para que suas vozes ecoem.

De fato, a forma mais tradicional de exercício do poder em nossa época não permite considerar propriamente o afeto envolvido na relação que as pessoas estabelecem com o espaço. Determinações do Estado geralmente seguem a ordem exploratória do lucro capitalista, e é justamente esta ordem que estas pessoas que ocupam este espaço desejam questionar.

Para caminhar então em direção a modelos de governo mais propriamente libertários, a função do Estado, se tivéssemos que admiti-lo, teria que ser exercida por muitas pessoas, em muitas partes. Isto é, antes de simplesmente afirmar oposição ao poder, teríamos que nos ocupar de descentralizá-lo. É neste ponto que a produção de espaços autônomos revela-se essencial, e é exatamente aí que as universidades, se de modo mais específico nos orientamos em direção à experiência em ocupações e a questão da autonomia universitária, podem nos ser úteis. Pois se é muito natural que o pensamento conservador faça oposição imediata às experiências desenvolvidas neste contexto, se as consideramos com mais atenção, e claro, se há disposição para organização, vemos nelas se desenvolverem experiências e debates de interesse irrecusável.

Se as universidades em geral reconhecessem isso, e, mais próximas do espírito de universidades livres como a Universidade Nômade, talvez, alimentassem o desenvolvimento destes experimentos, então poderíamos considerar o surgimento de verdadeiras zonas autônomas – possíveis bases para um ensino superior mais propriamente livre. Quer dizer, se o interesse destes ocupantes pela permacultura, por exemplo, fosse mais propriamente considerado, o prédio anexo ao Bandeirão, poderia ter um teto verde, sistemas de captação de água

de chuva; e placas de energia solar...poderia se tornar um laboratório experimental de arte e ciência, um espaço-modelo em conformidade ao que propõe, por exemplo, a “Agenda 21”.

Para finalizar, é necessário enfatizar que as pessoas que ocupam o prédio anexo ao Bandeirão desta universidade não limitam ou restringem o acesso ao espaço para xs estudantes regularmente matriculadx pela universidade. Muito pelo contrário. Pois se a extensão universitária é um dos pilares desta instituição, é necessário reconhecer que nós, grosseiramente caracterizados como “invasores”, somos parte da comunidade externa interessada em estabelecer pontes com o conhecimento produzido na academia. Isto é, nós queremos mais estudantes regularmente matriculadx juntxs conosco, atuando para potencializar este experimento. A existência desta ocupação, afinal, não é um problema como tem sido caracterizado por tanta gente; se há problemas, eles se explicam pelo pequeno número de pessoas ativamente envolvidas no projeto, e pela escassez de recursos materiais, técnicos e tecnológicos (para que se tenha ideia, nossa lista de materiais desejáveis inclui geladeira, retroprojetores, livros, sementes, computadores, ou peças de computadores, utensílios gerais de cozinha, materiais para bioconstrução, tintas, tecidos, uma vitrola, e até mesmo uma combi!). Nada disso demanda o encerramento desta experiência; mas pelo contrário, estas coisas comprovam a necessidade de maior envolvimento e apoio. Pois quando falamos de autonomia, é a autonomia dxs estudantes que temos em vista: de todxs xs estudantes, enfim, artistas.

--

(O texto segue inconcluso. O desfecho depende do envolvimento dxs estudantes, do posicionamento do DCE e da Reitoria da universidade. Recentemente fomos informados de que a Polícia Federal foi acionada para que desocupemos o prédio. Insistimos na possibilidade de diálogo e na importância deste experimento. Toda forma de apoio é bem vinda.)

Projeto Bruxa

[bruxa@riseup.net](mailto:bruxa@riseup.net)

## **Nota**

No início deste ano (2016), período em que a maior parte dxs ocupantes estava ausente, a reitoria determinou o **desalojo** da ocupação do prédio anexo ao bandejão, e a **demolição** da Casa da Bruxa; as duas coisas ocorreram no dia 05 de janeiro.

Para todas as pessoas que estiveram mais ativamente envolvidas com as ocupações, a experiência foi certamente marcante: ninguém sai exatamente o mesmo de espaços como estes.

Parte dos ocupantes permanece no Rio de Janeiro. Outra parte, composta em sua maioria por “viajeros”, se espalhou Brasil/mundo afora. Seguem vivos, senão com todos, certamente com a maioria, a identificação com o anarquismo, e o desejo de ter o mundo como um espaço para o “exercício experimental da liberdade”.

## **Observação**

Se a finalidade do que se apresenta aqui é documental, é preciso dizer a respeito das imagens a seguir que o espírito geral da ocupação da Casa da Bruxa e do prédio anexo ao Bandejão da UNIRIO, não está tão bem representado quanto poderia. Infelizmente, por razões técnicas e tecnológicas, muitas imagens foram perdidas. Me entristece que não haja nas páginas seguintes nenhum registro da horta e das noites de fogueira da Casa da Bruxa, das reuniões, do evento de Serviço Social que lotou o Bandejão, e de muitas das pessoas que passaram pelas ocupações; fica aqui ao menos um indicativo da perda...











































































